



A MULHER EM *DOM CASMURRO* E *DOM*: DILEMAS DE CAPITU E ANA

Esp. José Kelson Justino Paulino

Universidade Federal de Campina Grande

Kelson_jpaulino@hotmail.com

Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

Universidade Federal de Campina Grande

daiselilian@hotmail.com

RESUMO: O objetivo central deste artigo é fazer um estudo comparativo na perspectiva feminista entre as heroínas do romance *Dom Casmurro* (1857), de Machado de Assis, Capitu, e Ana, do filme *Dom* (2003), de Moacyr Góis, uma releitura moderna da obra machadiana. Este estudo irá mostrar como os protagonistas - de gêneros e linguagens diferentes - masculinos veem as protagonistas femininas, ambas aprisionadas em dilemas próprios do seu sexo, uma no contexto do século XIX, em condições mais opressoras, a outra, uma mulher do terceiro milênio, ainda vítima do sistema patriarcal que limitava Capitu, representado através da figura masculina que parece não ter sofrido alterações nas suas convicções enquanto esposo, mesmo no século XXI. Tal pesquisa tratará da personalidade de ambas as mulheres, pontos de distanciamentos e de aproximações entre elas, destacando suas ações e condições de vida. Além disso, faz-se necessário um estudo comparativo em relação algumas questões desenvolvidas por Machado de Assis e, posteriormente, por Góis, visando analisar as atitudes de Capitu e Ana, mas também de Bentinho e Bento, Escobar e Miguel, em relação as camadas sociais diferenciadas e os anos que separam os personagens. *Dom* mostra uma mulher emancipada em todos os aspectos, todavia, em constante processo de busca pelo desvencilhamento do modo de agir e de pensar da figura patriarcal representada pelo seu marido. Assim, Góis debate aspectos das relações de gênero problematizadas por Machado que ainda perduram na atualidade, castrando a liberdade total da mulher de viver plenamente as conquistas do seu sexo, em pleno século XXI.

Palavras-chave: Representação, espaços, sociedade, mulher.

A protagonista Ana do filme *Dom* (2003), de Moacyr Góis apresenta grandes semelhanças com a personagem Capitu, do romance *Dom Casmurro* (1857) de Machado de Assis. Ambas são retratadas como

misteriosas e ousadas. Capitu, aos quatorze anos, já mostrava idéias consideradas ambiciosas para uma adolescente do seu tempo:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

— Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa. (...) Como vê, Capitu aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos (ASSIS, 1994, p. 37-38).

Em virtude da condição da mulher no seu tempo, Capitu não teve o privilégio de viver experiências como a protagonista de Góes que é atriz, antes de se aventurar pelas águas do matrimônio com um homem machista.

Apesar da independência de Ana, o filme não traz consideráveis atitudes da moça em relação à obsessão de seu marido, pois a mesma prefere não confrontar constantemente o esposo. Ana apenas se mostra constrangida com as desconfianças de Bento (ele tem dúvidas sobre sua fidelidade) e, somente no final do filme, decide abandonar o marido e levar consigo o filho do casal. Percebe-se pelo caminhar de sua vida que a personagem também é ousada. Ana era órfã de pai e mãe e desde cedo começou a se sustentar sozinha. Decidiu seguir a profissão que lhe dava prazer, a de atriz. A moça era bastante independente e não admitia que qualquer pessoa interferisse em seu trabalho. Sua determinação marca a imagem da mulher do

século XXI, pois a mesma conseguiu ter coragem de encarar seu próprio marido para ir em busca de seus ideais.

Percebe-se que as duas personagens femininas principais do romance e do filme em estudo se comportam de maneiras diferentes. Em 1857, por exemplo, as mulheres não podiam sequer emitir qualquer tipo de opinião sobre muitas questões, pois seriam rejeitadas. Sabendo disso, Capitu transmitia suas ideias para Bentinho de maneira discreta, contando sempre com a ajuda de José Dias, já que ele era homem e bem mais velho que Bento. Os pensamentos de Capitu eram explicitados pelo próprio Bentinho e depois direcionado para os seus responsáveis, mostrando que a personagem era astuta e ágil ao convencê-lo de suas ideias.

Já Ana, vive em um tempo em que a mulher tem mais liberdade de expressão, e toma suas próprias decisões. Apesar do preconceito com a profissão que escolheu, a moça não se faz de derrotada e enfrenta o marido de maneira satisfatória. Enquanto isso, Bento trazia consigo a figura do homem moderno, porém machista, tentando transformar a amada em mais uma mulher oprimida pela sociedade patriarcal.

No quesito beleza, algo que despertava o ciúme do marido, Capitu inspirava Bento de tal maneira que o moço não lhe poupava



elogios: “Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites” (ASSIS, 1994, p. 115). A beleza de Capitu descrita por Bento era tão grandiosa. Capitu era “Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo” (ASSIS, 1994, p. 57). Com relação à beleza de Ana descrita por Bento, ela assemelhava-se à de Capitu, mostrando em alguns pontos que qualquer homem ficaria à disposição das vontades de tal moça. Além de comparar a moça com os olhos de ressaca de Capitu, ele a via da seguinte forma:

A imagem de Ana reconstruiu em mim as imagens de outro tempo. (...) os olhos. O que foram aqueles olhos? O que fizeram de mim? Olhos de ressaca que me arrebatavam. A não ser arrastado, tentava me segurar nas partes vizinhas, as orelhas, a boca, os cabelos. Não podia resistir. Voltava aos olhos de Ana. Capitu (GÓES, 2003).

Miguel, amigo de Bento, também se mostra interessado nos atributos de Ana: “Que olhos heim? (...) uma mulher dessa é capaz de destruir a vida de um homem” (GOES, 2003). Em seu discurso, percebe-se que Góes (2003) começa a lançar dúvidas, fazendo o público ansiar pelo desfecho da história.

Como é notório, desde o lançamento do romance em estudo que a personagem

Capitu passou a ser tida como adúltera. A beleza, as atitudes e o poder de persuasão que a moça mostrava para com Bento, juntamente com seu dom de conquistar a família do rapaz podem ter sido alguns pontos determinantes para que se chegasse também à tal conclusão sobre seu caráter. Como a história é contada depois de ter acontecido, e através da narração ulterior, tem-se a nítida impressão que Bento narra tudo, sempre colocando alguns indícios que Capitu, de fato, o traiu e complementa a ideia de suspeito com alguns defeitos da moça.

Em alguns momentos, o rapaz insinua que sua amada é interesseira e que só se casara com ele devido a uma grande herança que ele herdaria. Durante o casamento dos dois, o padre falava em latim, Bento por ser ex-seminarista compreendia as palavras do vigário, mas Capitu não. Contudo, o rapaz explica que existia uma frase que Capitu havia memorizado para este momento: “Sentei-me à sombra daquele que tanto havia desejado” (ASSIS, 2008, p. 193). Percebe-se que Bento, sutilmente, faz insinuações sobre os interesses de Capitu a sua herança. Assim, Machado de Assis não havia escolhido especificamente este versículo de São Pedro de maneira aleatória. Percebe-se nas palavras acima citadas a sugestão de que Capitu estava a procura de descanso financeiro e ao lado de Bento ela garantiria isso para si. O versículo



de São Pedro, pode ter também inspirado Góes na caracterização da personagem Ana, uma vez que a moça seria o oposto das palavras ditas na cerimônia de casamento dos personagens de Machado de Assis. Em momento algum Ana se mostra inútil e sempre deixa explícita sua vontade de voltar a trabalhar como fazia antes de casar-se com Bento. Mas Bento é quem fazia as palavras de São Pedro as suas próprias, exigindo que Ana as seguisse, defendendo a submissão da esposa ao marido.

No que diz respeito ao primeiro contato mais íntimo entre os protagonistas de Machado, o beijo de Capitu e Bentinho foi na adolescência: ela tinha 14 anos e ele 15. Enquanto Bentinho fazia uma trança no cabelo de Capitu, ela contava um sonho que teve na noite passada e, em seguida, o tão esperado beijo acontece. Já o beijo de Bento e Ana acontece no segundo encontro do casal. Depois de almoçarem, os dois decidem dar uma volta próximo à praia e terminam um nos braços do outro. Uma constatação interessante é que pouco antes do beijo, Bento fala que sonhara com Ana a noite passada e que a moça estava contando seu sonho quando eram crianças. O sonho dizia que os dois estavam no mar e que ondas gigantes os assustavam. Intencionalmente, Góes (2003), descreveu o primeiro beijo do casal do filme, justamente próximo à praia, visto ser o mar um símbolo

de instabilidade, inconstância, uma referência ao tipo de relacionamento que os protagonistas teriam.

Diante do exposto em relação ao relacionamento dos protagonistas de ambas as obras, pode-se identificar no livro de Machado de Assis, várias referências aos ciúmes de Bento. É certo afirmar que, como a história foi contada por Bento depois de adulto, registram-se constantes insinuações sobre Capitu e Escobar. Desde o início da narração o protagonista faz uso de sua ironia para antecipar alguns fatos que viriam a esclarecer mais tarde a questão da fidelidade de Capitu. No capítulo X, por exemplo, percebe-se a sutileza de Bento em mostrar sua situação depois do casamento com a amada Capitu. O rapaz compara sua vida a uma ópera. Deve-se salientar que neste capítulo o moço não narrara própria vida, apenas dá uma breve pausa para referir-se a uma teoria que naquele momento lhe coube perfeitamente:

Cantei um *duo* tecnicismo, depois um *trio*, depois um *quatuor*... Mas não adiantemos; vamos à primeira parte, em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou (ASSIS, 2008, p. 63).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No fragmento acima, percebe-se claramente que Bento estava se referindo ao triângulo amoroso entre Capitu, Escobar e ele. Ao comentar o trecho da ópera cantada por duas pessoas, o rapaz estava mencionando ele mesmo e Capitu. Depois disso, insinua uma parte com *trio*, fazendo referência à chegada de Escobar em sua vida e, depois, em seu casamento, como amante de Capitu. A dúvida sobre o *quatuor* continua a prevalecer. Bento insinua, todavia, que existia uma quarta pessoa no relacionamento. Se existiu, a quem o protagonista se refere não fica explícito na obra.

No filme de Góes (2003), o personagem Bento não poupa Ana de suas impressões sobre a traição da mulher. Se Bento, no livro de Machado de Assis fazia tudo como o máximo de sutileza, mostrando sua visão apenas para os leitores, o Bento do filme não fazia segredo de suas opiniões, fazendo referência também ao triângulo amoroso entre ele, Ana e Miguel. Enquanto Ana gravava as últimas cenas de seu filme, Bento aparece de surpresa chamando a moça para voltar para casa. Ao rejeitar o pedido de seu marido, o rapaz não reprime sua visão: “não sei por que vocês estão tão constrangidos. Afinal de contas, nós somos um triângulo” (GÓES, 2003).

Depois de tantas insinuações, encontra-se de fato uma cena que reflete um

momento forte e explícito dos ciúmes de Bentinho. No capítulo LXXIII observa-se amostras de angústia e desespero do protagonista ao pensar que Capitu poderia está envolvida com outro rapaz:

O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. A rigor, era natural admirar as belas figuras; mas aquele sujeito costumava passar ali, às tardes...Vão lá raciocinar com um coração de brasa, como era o meu! Nem disse nada a Capitu...(ASSIS, 2008, p. 159).

O notório momento de ciúmes registrado no fragmento acima pode ser considerado o primeiro acontecimento solidificado em ações concretas em relação ao ciúme de Bento por Capitu, pois a maioria das demonstrações de ciúmes do rapaz eram manifestadas apenas por pensamentos, de modo implícito, sem manifestações formais e evidentes de sua parte. Detecta-se que o ciúme de Bento é tão grande e incontrolável que ele prefere sair do ambiente em que estava simplesmente para não ver a cena que desenrolava-se diante dos seus olhos.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No filme *Dom* (2003), a primeira cena de ciúme de Bento é mostrada de maneira bastante sutil. O jogo de câmeras mostra seu rosto preocupado de tal maneira, que sem precisar de texto algum, entende-se que ali é o princípio de uma série de desconfianças em relação à sua mulher Ana. A cena tem início na praia quando Bento e Miguel estão conversando na areia sobre o casamento relâmpago com Ana. Enquanto os amigos conversam, ela está ao fundo, banhando-se nas águas da praia. No discurso dos dois, ambos concordam com as qualidades da moça, deixando explícito que de alguma forma Miguel guarda certa inveja do amigo e até lamenta o compromisso de Ana com Bento deixando soltar: “Filho da puta! No meu teste!” (GÓES, 2003), dando a entender que a moça deveria ser do produtor e não de Bento, uma vez que Ana estava no território de Miguel, que perdeu a oportunidade de se envolver com ela.

Na sequência desta cena, depois de conversarem um pouco mais, Ana aparece e chama o marido para banhar-se, mas Miguel se adianta e aceita o convite sem mesmo ter sido chamado. Bento, por sua vez, rejeita o pedido de Ana. A moça vai para a água com Miguel. Neste instante, a câmera focaliza primeiramente as brincadeiras dos dois na água e, em seguida, o rosto de Bento, que de despreocupado torna-se pensativo. Além do

close dado na face e no olhar preocupado do rapaz, uma música de suspense toma conta da cena, sugerindo que a tensão já estava começando. A trilha de suspense marca as primeiras preocupações do protagonista. Junto com a música, as cenas foram mostradas em câmera lenta, enquanto Ana gritava o nome de seu marido, o rapaz imediatamente baixa a cabeça. A sequência dá uma ideia clara de que ao chamar o nome de Bento e a imagem seguiu lentamente, percebe-se que ali seria o início dos fortes acontecimentos e que faria Ana se afastar do marido, como um sinal de adeus.

Quando se toma o filme como um todo (incluindo o menu), percebe-se que a primeira cena apresentada no menu interativo é, justamente, a cena da praia, mostrada através das letras da arte gráfica do filme e por uma imagem avermelhada. A produção do DVD mostra tal cena logo no início do mesmo como se estivesse sugerindo que o público deve focar sua atenção para tal sequência, pois ali seria o início dos pensamentos ciumentos do protagonista.

Pode-se detectar que Góes (2003) criou a cena em estudo para referir-se ao capítulo CVI do livro de Machado de Assis. O título dele é “Ciúmes do mar”. O nome é bastante sugestivo. Em uma conversa com Bento, Capitu fita o mar de tal maneira que perde-se totalmente em devaneios, distraíndo-se tão profundamente que esquece-se das



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

palavras que lhe estão sendo proferidas pelo seu marido. Isso incomoda Bento que não tinha ciúme do mar, mas dos pensamentos da moça. O rapaz levanta hipóteses de que sua mulher estaria imaginando algo que fez de errado, como se sua consciência estivesse tão pesada que causou-lhe a distração.

O amor do protagonista de *Dom* (2003) era bem mais intenso que o do personagem de Machado de Assis. Pode-se perceber que houve uma “ampliação” da intensidade do sentimento entre os protagonistas de Góes. A “ampliação” é a “transformação que consistiu em, no filme, aumentar a dimensão de um ou mais elementos do romance” (BRITO, 2006. p. 20). Sendo assim, percebe-se que a ligação, atitudes e ações que Bento tinha para com Ana, pareciam mais verdadeiras e intensas que aquelas entre Bento e Capitu. Enquanto no filme Bento se mostrava completamente emotivo com a presença de Ana e animado com a idéia de poder tê-la para si, exposta em cenas mais íntimas, o personagem de Machado de Assis, apesar de esperar por Capitu por longos anos e mostrar-se contente com o envolvimento com a moça, não convence o leitor que está tão eufórico como o personagem do filme o faz. As ações do Bento de Machado de Assis, geralmente, são frias e vazias, o oposto do que se vê no protagonista do filme.

Entretanto, um fator de diferenciação para o conflito de ambas as obras está relacionado ao fato de Ana ser uma mulher do século XXI, o que significa que trabalhar é algo fundamental para ela. Em relação a esse fator, após os protagonistas do filme concretizarem o amor que sentiam um pelo outro através do casamento, um dia Bento chega do trabalho e encontra Ana terminando o jantar. Nesta ocasião, Ana deixa claro para o marido que gostava de trabalhar e que sentia falta do teatro e da dança:

Ana: quero voltar a trabalhar! Voltar a fazer teatro, voltar a dançar, sei lá! Bento: você poderia procurar umas agências aqui em São Paulo. Ou senão liga para o Miguel! Ana: já falei com ele! Bento: como assim? Ana: foi na segunda-feira mesmo lembra? Quando você voltou mais cedo para São Paulo? Bento: onde você encontrou com o Miguel? Ana: bento, fui lá na produtora. Fui lá exatamente para falar com ele sobre isso. Amor, falei com Miguel, por que o Miguel é nosso amigo. E ó, ele foi super legal. Disse que se pintar qualquer coisa ele me chama (GÓES, 2003).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Bento não esconde seu desagrado em relação à sua mulher ter tomado a decisão de ir conversar com seu amigo sem sua permissão. Na obra *Dom Casmurro* a cena discutida acima se configura de maneira parecida, pois também foi um acontecimento que não é narrado pelo protagonista, sendo apenas exposto por Capitu em momentos posteriores, o que causa a desconfiança do personagem. No livro de Machado de Assis, depois da lua de mel, Capitu e Bento conversavam despreocupados sobre as estrelas e Marte, podendo-se observar o mar ao longe do lugar de onde estavam. Enquanto Bento falava, percebeu um ar sério e pensativo em Capitu e pôs-se a falar com a moça. Com uma Capitu distraída e pensativa, a conversa se desenrola:

- Você não me ouve, Capitu. -
Eu? Ouço perfeitamente. -O que é que eu dizia? -
Você...você falava de Sírius. -
Qual Sírius, Capitu. Há vinte minutos que eu falei de Sírius. -
Falava de... falava de Marte, emendou ela apressada. Realmente, era de Marte (...). Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era

minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas. (...) - Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão. - Quem foi o corretor? - O seu amigo Escobar. - Como é que ele não me disse nada? -Foi hoje mesmo. - Ele esteve cá? -Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse (ASSIS, 2008, p. 198-199).

A partir deste momento, Bento também começa a lançar dúvidas sobre a fidelidade da mulher e mostra-se, igualmente como se vê no Bento do filme, incomodado com a aproximação entre a esposa e o melhor amigo. Tanto a cena do filme como a do livro não foram detalhadas pelos protagonistas, pois foi um fato acontecido sem a presença do narrador.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Depois da morte de seu melhor amigo Escobar, Bento vai ao velório do amigo e surpreende-se. A expressão de Capitu era tão misteriosamente tristonha que se alguém a visse poderia chegar a conclusão que a amizade entre a moça e Escobar era profundamente íntima. Bento deixou escorregar algumas lágrimas de seus olhos, mas conteve-se quando viu as de sua mulher:

Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã (ASSIS, 2008, p. p. 220-221).

Tanto Ana como Capitu podem simplesmente ter demonstrado o quão importante o melhor amigo de seus maridos eram para elas. Ana por achar que Miguel sempre lhe deu força para continuar sua vida profissional e Capitu por achar que Escobar esteve presente nos momentos mais significativos da vida do marido, além de considerá-lo um amigo. Entretanto, os protagonistas de ambas as obras desfrutavam da mesma desconfiança em relação à Capitú-

Ana. Parece que os ciúmes dos dois personagens os cegaram a ponto de não pensarem em outras possibilidades, somente as que lhes convinha.

As obras em estudo ilustram a questão da figura feminina na corda banca de relacionamentos afetivos insatisfatórios, nos quais a mulher parece ser vista apenas como no famoso estereótipo da mulher monstro, aquela que traí e que é o oposto da passiva mulher anjo. Os séculos se passaram, mas Ana, enquanto mulher mudou, emancipou-se, apenas a figura masculina permanece inalterável, na condição de agente dominador da mulher. Estas obras mostram as armadilhas que estão/estavam sempre à espreita da mulher: o ciúme, a necessidade abusiva de controle da mulher por parte do homem.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

BRITO, João Batista. Literatura, cinema, adaptação. In. **Graphos**. Revista da Pós-graduação em letras da UFPB. Vol. I, Nº 2. João Pessoa: EDUPB, 1996.

DOM. Direção e roteiro: Moacyr Góes. Elenco: Marcos Palmeira; Maria Fernanda Cândido; Bruno Garcia. Distribuição: Warner Bros. Cor. 91 min. 2003.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br